

# 1 O feitiço socrático – a magia do Doutor Sócrates por Max Filipe Nigro Rocha<sup>1</sup>

A proposta de análise desse artigo é considerar a construção da imagem de Sócrates por *Placar* durante o período de Abertura Política brasileira (1979/84). Para tanto, serão consideradas as fotografias nas quais o jogador aparece fantasiado nas páginas da publicação, material que será avaliado mediante ao fato do registro imagético ser portador de duas *realidades* distintas e, portanto, o fenômeno e o signo existentes nas reportagens, o dado e o criado, não podem ser tomados em separado. Os eventos relacionados ao futebol e aos seus personagens, vistos aqui como manifestações da *primeira realidade* não podem ser pensados sem que levemos em conta todo o processo de construção simbólica do pensamento desenvolvido pela revista por meio das fotografias apresentadas – denominado como *segunda realidade*.

A cobertura da revista a respeito da trajetória de Sócrates no Corinthians tinha como objetivo legitimá-lo frente à nação alvinegra e se encontrava inserida em um projeto mais amplo do semanário esportivo, que tinha por objetivo implantar uma reforma modernizadora capaz de – simultaneamente – resgatar o futebol-arte enquanto essência do futebol brasileiro e modernizar as arcaicas estruturas administrativas do esporte nacional.

No que diz respeito a Sócrates, sua imagem de jogador frio do time e exemplo de racionalidade precisava ser adequada à mística alvinegra, processo que *Placar* se encarregaria de desenvolver tanto por meio de suas reportagens quanto pelas fotografias. Portanto, a reelaboração da figura socrática e consequentemente do significado do corintianismo exigia uma ruptura de paradigma que permitisse que o time passasse a apontar os rumos que a massa torcedora deveria seguir. Mas eram ajustes eram necessários; se a fiel torcida precisava se adequar às práticas em campo que não representavam o *ethos* corintiano, os novos profissionais da bola também deveriam adaptar suas ações ao conjunto normativo tradicional do Parque São Jorge e o semanário assumiria uma posição central nesse processo.

É nesse viés que pouco a pouco o semanário buscava construir a imagem do jogador de acordo com os pré-requisitos alvinegros. A renovação de Sócrates anunciada

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado “Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984)”, defendida pelo Departamento de História da FFLCH/USP em 2014.

em letras garrafais na capa da revista com a seguinte frase: “Fico porque amo a fiel” (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980) apresentava o início desse processo. Em matéria interna dirigida por Juca Kfoury, buscava-se a construção de um elo entre a torcida sequiosa por um ídolo e o craque sem torcida, no qual o famoso jornalista esportivo reconhecia que “o craque [...] além de cabeça, tem muito coração. (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980, p.3).

Ao decorrer da entrevista, o mais novo apaixonado pelo clube reivindicava uma conexão mais profunda entre os jogadores e o clube de futebol de modo a superar os estreitos limites impostos pelo profissionalismo (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980, p.4). *Placar* então identificava uma brecha que fundamentava sua proposta de reforma modernizadora que substituísse a antiga cartolagem por novos dirigentes, já que esses últimos poderiam ser o alento que permitisse a participação democrática dos profissionais da bola de modo que alma e corpo dos jogadores não sofressem mais com a cisão imposta. Com isso o Doutor aproximava-se do modelo de jogador ideal projetado pela publicação esportiva. Embora o artifício de fantasiar os jogadores fosse recorrente nas páginas do semanário, o Doutor foi sem dúvida o indivíduo que mais se dispôs a interpretar novos papéis que ajudavam a relocar a posição dos jogadores de futebol na sociedade. De governador do Estado de São Paulo a Imperador D. Pedro I, passando pelo Pensador de Rodin e violinista da orquestra alvinegra, era na condição de um simples aposentado que o craque estreava nos palcos placarianos.

### 1.1 Doutor e Corinthians

Apresentado como um recatado avô de 50 anos, homem de posses, médico e professor de medicina entusiasmado com o direito ao voto, a projeção da revista deslocava a imagem do jogador de futebol de sua posição tradicional ao mesmo tempo em que apresentava Sócrates em uma perspectiva mais humana e palatável para os torcedores [Figura 1 - Reprodução: Revista Placar nº555 , 26/dezembro/1980, p.18/19]. A especulação a respeito do futuro do jogador – que assumia a condição de médico, professor e agente político ao reivindicar a participação na política institucional – aproximava-se da imagem do *novo jogador de futebol* anunciada pela publicação conforme discutido previamente. A fotografia feita em estúdio caracterizando-o como

médico de cabelos grisalhos – com avental, receita médica, placa de identificação constando nome completo e o título de Doutor – atribuía a Sócrates um *status* social até então renegado aos boleiros da época. Alçado à condição de futuro profissional da saúde e docente, o agora intelectual socrático recebia o aval da revista para se posicionar politicamente sobre os assuntos cotidianos. Se a escolha do ídolo alvinegro como modelo de jogador por *Placar* não estava diretamente ligada à peculiar formação educacional do craque, o reforço dessas características por meio de imagens e texto evidenciava os limites do discurso da revista que reconhecia na existência do diploma de bacharel em medicina a autorização para que o profissional da bola assumisse a sua condição de vanguarda política.

Em paralelo ao processo de elaboração da imagem do boleiro enquanto porta-voz da categoria profissional, o semanário desenvolvia uma campanha que permitisse à massa torcedora reconhecer no craque socrático a *alma* corintiana tão desejada. A empreitada com o intuito de veicular o jogador à mística alvinegra seguia mais adiante. A redefinição da posição dos jogadores diante do futebol – e de Sócrates dentro do Corinthians – era fundamental na medida em que redefinia o pacto hegemônico estabelecido até então. A *crise de hegemonia* reconhecida e estimulada pela revista necessitava de um agente que causasse a ruptura definitiva com o modelo administrativo avaliado como atrasado. Reconhecido como craque, o Doutor seria capaz de arregimentar em torno de si um novo *consenso* e consequentemente a formação de uma nova *hegemonia* liderada pelos tecnocratas modernos. Contudo, seria apenas a partir do momento em que o boleiro fosse reconhecido como representante e portador-mor da essência corintiana que ele poderia assumir a condição de ídolo e então angariar tal apoio.

É com essa finalidade que a publicação esportiva direcionava o seu olhar para as atuações do jogador que remetessem ao tradicional modelo de futebol praticado no Parque São Jorge. Gesticulando, disputando com os adversários em divididas e correndo atrás de bolas quase perdidas, o Doutor alvinegro incorporava simultaneamente o papel de guerreiro, líder, craque e mais um louco do bando alvinegro a ponto do semanário esportivo anunciar que o Timão tem mais um fiel em campo. (PLACAR, nº 539, 29/agosto/1980, p.2). Nomeado então como “Sócrates, o Corintiano”, o encontro tão esperado pela revista entre a massa torcedora que não possuía um ídolo para cultuar e o craque frio e racional não compreendido pela torcida ocorria de modo a suprir as deficiências de ambos os lados. No que tange à representação imagética do Doutor nas

páginas do semanário, é fundamental apontar o gradativo desaparecimento das fotografias que sugerissem a presença do *futebol-arte* por meio de jogadas de efeito como um drible ou um característico toque de calcanhar. Em seu lugar, Sócrates aparecia em cenas nas quais a disputa de bola, a comemoração dos gols e a integração com a torcida fossem o foco principal.

A nova condição do jogador enaltecida pela publicação esportiva permitia que ele fosse renomeado como “Dr. Sócrates **Corintiano** Sampaio de Souza Vieira de Oliveira”, agora ídolo devidamente reconhecido pela torcida. No entanto, as demais especificidades da figura socrática – indivíduo questionador e político – não seriam descartadas tal qual a frieza, fundamentariam a próxima etapa da construção da imagem do ídolo.

Finda a primeira etapa de reelaboração da imagem do jogador na medida em que agora o craque já era reconhecido como ídolo da fiel torcida, o projeto de reforma modernizadora de *Placar* podia finalmente encontrar uma possibilidade concreta de consolidação. Escolhido a dedo pela publicação, Sócrates oferecia um rico material passível de assimilação e recriação por parte da revista. Seu caráter questionador e crítico, que apontava as deficiências da estrutura administrativa do futebol e sugeria uma possível conciliação entre a gestão empresarial e a prática democrática se encaixavam com perfeição no modelo proposto pelo semanário que, a partir de então, se encarregava de oferecer todo o espaço possível a seu porta-voz, além de enaltecê-lo sempre que possível.

## 1.2 Doutor-Pensador

Antes de ser alçado à condição de agente político, o ídolo corintiano deveria ser revestido e reconhecido como gênio dentro e fora dos gramados. Nessa medida, podemos constatar a aproximação constante que a publicação esportiva fazia entre Sócrates e Pelé. Se as referências feitas pela revista sobre genialidade em campo do Doutor eram tantas que seria extenuante relacioná-las, a comparação com o Rei do futebol oferece-nos a exata dimensão da projeção de sua figura. Novamente a ambiguidade temporal da leitura de *Placar* manifestava-se, pois ela reconhecia nas ações do jogador alvinegro tanto os elementos constitutivos do *novo jogador de futebol*

quanto a reencarnação do talento e da genialidade do eterno camisa 10 da seleção brasileira. Seja jogando pelo Corinthians ou pela seleção brasileira, a semelhança entre os dois craques podia ser constatada por meio da narrativa da revista:

Em 1970, maravilhado com as genialidades de Pelé na Copa do Mundo, o poeta argentino Horácio Ferrer [...] dedicou-lhe um poema que a certa altura dizia: “E gols, tche, gols para pôr num quadro e guardar [...] Se estivesse entre as 43 mil pessoas que tomaram o Beira-Rio no domingo – entre as quais 100 **enlouquecidos** – Horácio Ferrer por certo se lembraria de seu verso e mais certamente ainda sentiria **ânsia de se repetir ao ver o gol de Sócrates** (PLACAR, nº 616, 12/março/1982, p.8) (grifo nosso).

No entanto, era a genialidade extracampo que o semanário fazia questão de destacar, pois abria caminhos para atribuir a Sócrates o futuro papel de representante político da proposta de modernização defendida. As declarações dadas pelo craque socrático expressavam uma concepção de futebol muito próxima daquela defendida por *Placar*, fato que permitia que a revista se reconhecesse nas palavras do jogador-pensador. O ataque direto feito pelo jogador aos antigos dirigentes, apontados como responsáveis pela fragmentação entre corpo e alma dos profissionais da bola, e o reconhecimento do desvirtuamento que o futebol sofria, cada vez mais distanciado da concepção de espetáculo – de *futebol-arte* –, encontrava uma acolhida calorosa por parte do semanário que travava uma batalha incessante em nome de uma reforma da estrutura administrativa do esporte em questão.

No que diz respeito ao embate entre emoção e razão, entre raça e classe, Sócrates também expressava a possibilidade de reformular a imagem do jogador de futebol. Embora houvesse alguns desencontros entre as duas leituras em questão, o depoimento socrático caminhava na mesma direção proposta pela publicação esportiva uma vez que se propunha a repensar os elementos constitutivos da identidade alvinegra:

[...] **Por culpa principalmente dos meios de comunicação, criou-se o mito de que jogador do Corinthians tem de ser um cara ignorante e vibrante.** Como não sou nem uma coisa nem outra, o pessoal me acha deslocado no clube. Mas, que diabo, todo mundo deve ser respeitado pelo que é! [...] (PLACAR, nº 535, 01/agosto/1980, p.56) (grifo nosso).

Se as críticas do Doutor à estrutura administrativa do futebol e ao engessado padrão de comportamento esperado dos integrantes da equipe do Parque São Jorge encontravam eco na filosofia placariana, a defesa que o jogador fazia a respeito da possibilidade de conciliar a abertura democrática e a gestão empresarial era a *cereja do bolo* que faltava para que a revista passasse a reconhecê-lo como pensador.

Nesse contexto, a figura do craque passava a ser encarada como um produto portador de qualidades de ambas as correntes e, portanto, o amálgama ideal entre a arte e a empresa, conforme anunciava o famoso publicitário Washington Olivetto: – Acho que [Sócrates] está entre os cinco maiores jogadores do mundo, tecnicamente. **Com a vantagem de ter um tipo físico, um design, que favorece a divulgação de sua imagem** [...] (PLACAR, nº 643, 17/setembro/1982, p.26) (grifo nosso).

A postura do jogador alvinegro ao reconhecer que o novo modelo de gestão do clube do Parque São Jorge seria capaz de salvaguardar o talento nato dos boleiros brasileiros se coadunava com a leitura que *Placar* tinha da questão. A administração empresarial garantiria a preservação da arte nacional na mesma medida em que apontaria a direção rumo ao desenvolvimento futuro. Ao mesclar emoção e razão, Sócrates e *Placar* criam ter descoberto o Santo Graal que garantiria a salvação do futebol brasileiro por meio do resgate do feitiço perdido. Com isso, a tragédia do Sarriá não passava de um interregno soturno que por um breve instante ofuscou a epifania do *futebol-arte*, mas não devia colocar em dúvida qual a trajetória a ser seguida no futuro pela seleção nacional e pelos clubes.

Devido à capacidade de costurar novamente o punhado de retalhos em que a identidade futebolística nacional havia sido transformada depois da derrota na Copa da Espanha, Sócrates podia ser retratado pela publicação como “O pensador”, de Rodin. Em reportagem intitulada de “Como vemos nossos ídolos”, o craque alvinegro aparecia encenando a posição clássica da famosa estátua entre outros tantos profissionais da bola.

Diferentemente dos demais jogadores retratados, Sócrates era o único a interpretar uma característica alheia ao universo do futebol e assim o Doutor rompia mais uma vez o quadro tradicional de representações do esporte em questão [Figura 3 - Reprodução: Revista Placar nº 681, 10/junho/1983, p.19.].

Como pensador, a representação produzida por *Placar* era o ponto fora da curva que sugeria uma rearticulação dos significados já cristalizados. Único personagem da reportagem que se apresentava vestido com o uniforme de jogo completo – de chuteiras, inclusive –, ele simbolizava a inversão de sentidos e a modernidade propiciada pela

ascensão do novo grupo de dirigentes esportivos e da consequente consolidação da Democracia Corintiana por parte dos jogadores alvinegros.

Ao vestir a camisa do Corinthians e assumir a condição de intelectual, o craque adquiria – de acordo com a revista – o reconhecimento de ser um agente político em campo já que conciliava a reflexão e a ação e, portanto, era qualificado para interferir no desenvolvimento ulterior do esporte nacional. De acordo com o semanário, Sócrates era o único profissional que tinha suas reais características expressadas na reportagem em questão: Nome de filósofo e pose de pensador [...] **Sócrates é exatamente o que aparenta ser. [...] um gênio.** (PLACAR, nº 681, 10/junho/1983, p.19) (grifo nosso).

### 1.3 Doutor-Governador

Em paralelo à construção de Sócrates enquanto gênio-pensador, *Placar* arquitetava o plano de elevá-lo à posição de agente político. Novamente, o posicionamento do jogador serviria de fundação necessária para que a revista pudesse somar à imagem do Doutor mais uma faceta simbólica. É o caso da defesa pela modernização das relações trabalhistas existentes no clube do Parque São Jorge, quando Sócrates aproximava-se da visão placariana que defendia a coexistência pacífica entre as práticas empresarial e democrática que deveriam reger uma equipe de futebol.

Portanto, ao reunir as qualidades de ídolo e gênio, a figura socrática era o modelo ideal de jogador a ser transformado em uma referência política capaz de influenciar e promover a aliança entre as concepções de família e de empresa, entre a emoção e a razão, e desse modo garantir que a harmonia voltasse a reinar nos gramados nacionais. Sua lista de seus atributos elencados na matéria interna da edição como a sua condição de exímio jogador e selecionável – pois é apresentado como craque; de integrante das massas – uma vez que é apresentado como torcedor corintiano ao invés de jogador do Corinthians; possuidor de diploma universitário – indicando a permanência do bacharelismo em nossa sociedade presente inclusive no apelido de Doutor dado ao jogador; e por fim, de cidadão o qualificavam para a posição pretendida.

Dessa forma, a revista *Placar* projetava a imagem do ídolo corintiano para além do universo restrito do futebol. A capa da edição, a manchete veiculada e o conteúdo interno compunham o leque de instrumentos utilizados na construção da imagem do Doutor alvinegro, agora agente político. Com isso, Sócrates passa a ser tomado como

*representante esclarecido* do povo que, na condição de ídolo nacional e *selecionável* têm como propósito opinar e reivindicar que as demandas sociais sejam atendidas.

Logo de início, a capa da revista nos leva a constatar o questionamento de dois estereótipos presentes no universo futebolístico – o futebol como instrumento de alienação social e o jogador visto como ser incapaz de avaliar sua condição de profissional e cidadão no interior da estrutura futebolística. Na fotografia em questão [Figura 4 - Reprodução: Revista Placar nº 647, 15/outubro/1982, capa.], Sócrates é apresentado como suposto candidato ao governo do Estado de São Paulo com direito a um plano de governo. Realizada em plano americano, a foto traz o jogador de barba e cabelos compridos, vestido com terno e camisa apenas, mão direita ao peito, reproduzindo a postura típica da cerimônia de execução do hino nacional em primeiro plano. Ao fundo, sugerindo proximidade do poder, a algumas poucas dezenas de metros podemos observar a porta principal do Palácio dos Bandeirantes como cenário.

A sugestão de patriotismo destacado pela imagem por meio da simulação da cerimônia do hino, assim como o enquadramento fotográfico que destaca a personagem de Sócrates em primeiro plano com o Palácio dos Bandeirantes ao fundo, reposiciona o jogador ao desafiar o estereótipo de alienado político constantemente atribuído aos futebolistas, pois o eleva à categoria de cidadão que, além de reconhecer o seu direito democrático de participar da vida política, postula um cargo de comando estatal.

A dupla significação da pose do jogador nos sugere algumas iniciativas de comunicação. Em primeiro lugar, há uma associação entre futebol e vida política na medida em que o fato de se cantar o hino nacional é recorrente tanto em cerimônias cívicas quanto em eventos esportivos. A própria metáfora do campo de futebol pode ser observada na presença do gramado que ocupa quase dois terços da imagem da capa. Além disso, Sócrates reproduz uma postura típica de jogadores ao entrar em campo com o uniforme da seleção nacional. Tal fato insinua, por um lado, a possibilidade de transferência da paixão futebolística para a vida pública, rompendo com o paradigma do futebol enquanto instrumento de alienação política. Por outro, a suposta ousadia de Sócrates ao simular a assumir a posse do cargo público é perturbadora na medida em que anuncia o vazio do poder e a consequente necessidade de ocupá-lo.

No mais, a barba e os cabelos compridos de Sócrates permitem associá-lo aos ícones clássicos de rebeldia e contracultura e, portanto a veiculação de sua imagem na capa da revista não ocorria por acaso. A figura de um jogador que participava de uma experiência inovadora nos meios futebolísticos – a Democracia Corintiana –



reivindicando o direito ao voto, o questionamento da obrigatoriedade das concentrações antes dos jogos e do treinamento esportivo tem por objetivo ser, no mínimo, incômoda e geradora de questionamentos futuros.

A referência à democracia não se esgota nesses aspectos acima. Sob a manchete presente na capa “Exclusivo: Sócrates: ‘Eu, governador’”, que tem como propósito resumir a essência da notícia para o leitor potencial, é possível traçarmos uma associação entre a condição de Sócrates como capitão do time e um dos líderes – juntamente com Casagrande e Wladimir – do movimento democrático implantado no Corinthians e a sua suposta intenção de se candidatar a governador do Estado de São Paulo. Tal conexão reposiciona o futebol como campo frutífero de experiências para a implantação de práticas democráticas. Além disso, o próprio uso do pronome em primeira pessoa – eu – indica uma iniciativa por parte da revista de incentivar a reflexão e promover o questionamento. Uma vez exposta na banca de jornal, tal manchete sugere ao leitor a possibilidade interpretativa dele próprio se considerar um candidato a ocupar o cargo público.

Essa transferência de qualidades dos jogadores do campo futebolístico para o político é assumida de forma explícita mais adiante quando Kfoury une as duas dimensões através do conceito de *paixão*, indicando uma nova possibilidade de contato com a política institucional: “O mundo do futebol não está alheio a este episódio [as eleições para governador de 1982]. **Como a bola, as eleições também apaixonam o país e os nossos jogadores delas participam cada um a seu jeito**”. (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p.3) (grifo nosso).

Com efeito, aos olhos de *Placar* Sócrates era o jogador ideal. Representante da classe média, instruído, defensor da conciliação entre o futebol-empresa e o *futebol-arte*, em constante diálogo com os tecnocratas modernos, associado à proposta eleitoral reformista capitaneada pelo PMDB no início da década de 80, ele era o modelo do *novo jogador de futebol* que seria o porta-voz dos princípios da reforma modernizadora defendida pela revista, que titubeava por diversas vezes diante de uma iniciativa de transformação mais radical do universo futebolístico.

#### 1.4 Doutor-Imperador

O último e derradeiro passo para consolidar a figura socrática como vanguarda responsável por implantar o projeto simultâneo de modernização empresarial e resgate do *futebol-arte* seria elevá-lo à posição de uma liderança carismática, seja frente ao clube alvinegro paulista, à Democracia Corinthiana ou à seleção brasileira. Se por diversas vezes o atleta se recusava a assumir o papel projetado sobre ele, a publicação não abria mão de destacar a condição de modelo a ser seguido pelo pensador da bola:

[...] achamos que o **craque-ídolo tem uma dupla personalidade** [...] **A primeira responsabilidade é perante sua torcida** [...] **A segunda é diante dos próprios companheiros de profissão** [...] Por isso, a recente decisão de Sócrates, [de permanecer no Brasil] **assume uma importância exemplar, por mais que o próprio jogador se recuse a ser modelo nessa questão.** (PLACAR, nº 608, 15/janeiro/1982, p.32/33) (grifo nosso).

De referência de garra, determinação, *alma*, inteligência e habilidade restrita ao universo dos torcedores alvinegros, o craque socrático passava gradativamente à posição de ídolo nacional aos olhos de *Placar*, pois era o exemplo a ser seguido por todos os demais profissionais da bola.

Portanto, as reiteradas decisões de Sócrates de permanecer em território nacional, a primeira diante de uma proposta milionária do Barcelona F.C., ocorrida na mesma semana que a seleção brasileira de juniores conquistava o campeonato mundial no México, representava o anúncio dos *novos tempos* que permitiria o *resgate* do feitiço perdido e a reencarnação de Pelé, que permitia com que Juca Kfoury afirmasse que “a verdade é que renascemos nesse fim de semana” (PLACAR nº 683, 24/junho/1983, p.3) (grifo nosso).

Essa última etapa da elaboração da figura socrática demonstrava uma gradual redução de seu corintianismo – forjado há muito custo por *Placar* – na mesma medida em que sua imagem passava a ser anunciada como símbolo da unanimidade nacional. Embora a leitura placariana sobre o atleta continuasse portadora dos diversos aspectos apresentados – corintiano, ídolo, filósofo e político –, todos eles eram deslocados para um segundo plano diante do fato de que ele podia ser reconhecido como porta-voz do resgate de uma nacionalidade perdida. A imagem do jogador ainda era formada por todos os aspectos apresentados, mas, justamente devido a essa completude simbólica, sua importância não deveria mais se limitar às fronteiras do Parque São Jorge. O Doutor reunia aos olhos de *Placar* todas as condições necessárias para consolidar em torno de

sua pessoa um novo *consenso* político que daria origem a uma nova *hegemonia*, tradicional e moderna ao mesmo tempo na medida em que garantisse o retorno do *futebol-arte* e o desenvolvimento do esporte aos moldes empresariais, portanto, nesse momento era necessário extrapolar a identidade alvinegra do craque-ídolo.

Dedicada em transcender a mera identificação clubística, a publicação esportiva revestia o ídolo corintiano de tons que extrapolavam o espectro alvinegro devido sua liderança frente à Democracia Corinthiana. Em coluna intitulada de “As muitas cores de Sócrates”, Juca Kfoury enfatizava toda a rede de significados que orbitavam em torno do atleta, pois “a volta de Sócrates ao time do Corinthians [...] definiu com cores nítidas o que ele representa para o clube, para o futebol e para o país [e portanto] ainda [havia] uma luz no fim do túnel do futebol brasileiro, **luz verde**, de esperança” (PLACAR, nº 718, 24/fevereiro/1984, p.3).

Travestido do manto verde-amarelo que encobria parcialmente a sua segunda pele alvinegra, Sócrates passava a ser o símbolo de todo projeto futebolístico capitaneado por *Placar* e a sua permanência no Brasil condicionava o sucesso da implantação do modelo. A busca pela figura carismática chegara ao fim a partir do momento em que a revista avaliava por meio das ações do atleta a manifestação de um agente político capaz de arregimentar e comandar as massas.

Assim, o Doutor adquiria os traços de D. Pedro I, pois a perspectiva constante de resgatar a tradição perdida levava o semanário a projetar sobre o atleta os traços de um personagem histórico que – de acordo com a história oficial – havia sido o responsável pela libertação do Brasil de sua condição colonial: Como o primeiro imperador do Brasil, [...] o rei dos [...] o doutor Sócrates [...] também teve seu Dia do Fico. (PLACAR, nº 683, 24/junho/1983, p.15/17).

A constante ameaça da saída do craque-ídolo do Brasil fazia com que, de tempos em tempos, seu corintianismo fosse novamente acionado, mas já não ofuscava a identidade supraclubística. Se de acordo com Adílson Monteiro, o atleta tinha “a cara do Corinthians”, e segundo Hélio Máffia, preparador físico, “o Sócrates, além disso, é o espelho do Corinthians, [pois] as atitudes dele refletem nos demais jogadores” (PLACAR nº 725, 13/abril/1984, p.44), a publicação esportiva ia além: “Sócrates não tem preço [...] [pois] assumiu um tal carisma que hoje **sua feição se confunde com o próprio futebol brasileiro [...]**” (PLACAR, nº 725, 13/abril/1984, p.44) (grifo nosso).

Como o último dos moicanos, o craque do Parque São Jorge era a incorporação do feitiço verde-amarelo tradicional, o ponto fora da curva que servia de referência norteadora para que a chama do *futebol-arte* não se apagasse nos gramados nacionais.

A possível saída do jogador para o exterior colocava em risco não apenas a qualidade do futebol corintiano ou os predicados da seleção brasileira, mas ameaçava todo o conjunto de propostas defendidas pela revista esportiva, seja no âmbito esportivo ou nacional. A decisão de Sócrates de ficar no Brasil caso a medida Dante de Oliveira – que assegurava a participação popular por meio do voto direto – fosse aprovada aliviava os angustiados corações e mentes placarianos.

Apaixonada e apaixonante, *Placar* seguia em sua incessante campanha pelo retorno da democracia no Brasil e pela abertura e humanização das relações profissionais no universo do futebol. Aspecto que levaria ela a interpretar a declaração dada pelo Doutor durante um comício pelas Diretas-Já na Praça da Sé de que permaneceria em território nacional mediante a aprovação da já citada emenda no Congresso Nacional como o *Dia do Fico do Rei Corintiano*.

A última capa em que Sócrates apareceria incorporando um personagem antes de deixar o Corinthians apresentava o atleta vestido como D. Pedro I. Com direito a fardão imperial, dragonas, condecorações e fitas decorativas que faziam alusão ao Brasil e a Portugal, a imagem posicionava o jogador como o agente responsável por libertar o futebol brasileiro de suas amarras históricas [Figura 5 - Reprodução: Revista Placar nº 727, 27/abril/1984, capa.].

Elevada à posição de Defensor Perpétuo do futebol brasileiro, a figura socrática recebia o título máximo de nobreza na coluna de Juca Kfoury. *Dom Sócrates* expressava o constante desejo placariano de reunir o passado e o futuro, pois a imagem do ídolo nacional expressava tanto sua estirpe real por meio do reconhecimento do talento futebolístico do jogador e de sua condição de representante do *futebol-arte* quanto de líder responsável por instaurar a democracia. O monarca-democrata possuía os instrumentos necessários para acionar a participação popular e era reconhecido como tal na medida em que a massa o acolhia:

Sócrates estará trocando cerca de dois milhões de dólares pelo direito de votar [...] a atitude se repete num gesto generoso de quem perdeu toda a frieza e o famoso autocontrole, chegando a se emocionar às lágrimas com a multidão de **quase dois milhões de pessoas que o aclamou no Vale do Anhangabaú**, palco da última manifestação

pelas diretas, em São Paulo. (PLACAR, nº 727, 27/abril/1984, p.3) (grifo nosso).

No entanto, a não aprovação da emenda constitucional Dante de Oliveira implodia o plano placariano de projetar o Doutor como a vanguarda que conduziria à reforma tão desejada do futebol brasileiro já que o craque aceitaria ser transferido para a Itália. Diante do fascínio que *Placar* demonstrava a respeito do modelo europeu, a revista não avaliava com clareza que a fuga de estrelas de primeira grandeza como Sócrates era resultado da própria racionalidade empresarial defendida pela revista, mas que no caso era aplicada pelos clubes estrangeiros.

Em mais uma ocasião, o atraso estrutural era apontado como responsável para justificar a derrota do futebol nacional. Vencido pela modernidade do exterior restava ao semanário recolher os cacos do modelo que havia sido elaborado com tanto esmero (PLACAR, nº 731, 25/maio/1984, p.3). Atônito com o fracasso retumbante, Juca Kfourri reforçava pela última vez o caráter sobrenatural do jogador-filósofo ao afirmar que “com a misteriosa magia que cerca as pessoas acima da média, o Magrão foi tomando consciência de ser um predestinado.” (PLACAR, nº 731, 25/maio/1984, p.22) e encerrava a despedida com um melancólico “até a volta, Magro!”.

## 2 Bibliografia

ALENCAR, C. **Juca Kfourri: O militante da notícia.** São Paulo/SP: Imprensa Oficial, 2006.

BORDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BORDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

CHIARIONI, B.; KROEHN, M. **Onde o esporte se reinventa:** histórias e bastidores dos 40 anos da Placar. São Paulo/SP: Editora Primavera, 2010.

COUTINHO, C. N. **Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DUBOIS; PHILIPPE. **O ato fotográfico.** São Paulo/SP: Papirus Editora, 2007.

FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana:** práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo/SP: Fapesp/EDUC, 2009.

GUEDES, S. L. Que povo brasileiro no campo de futebol? **Razonypalabra**, 2000. Disponível em:

<[www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CA MPO%20DE%20FUTEBOL.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CA MPO%20DE%20FUTEBOL.pdf)>. Acesso em: 01 Janeiro 2010.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007.

PANOFSKY, E. **Studies in iconology: Humanistic themes in the art of renaissance**. New York, Hagerstown, San Francisco, London: Icon Editions. Harper & Row, Publishers, 1972.

SECCO, L. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=648>>. Acesso em: 27 out. 2013.

### 3 Anexos

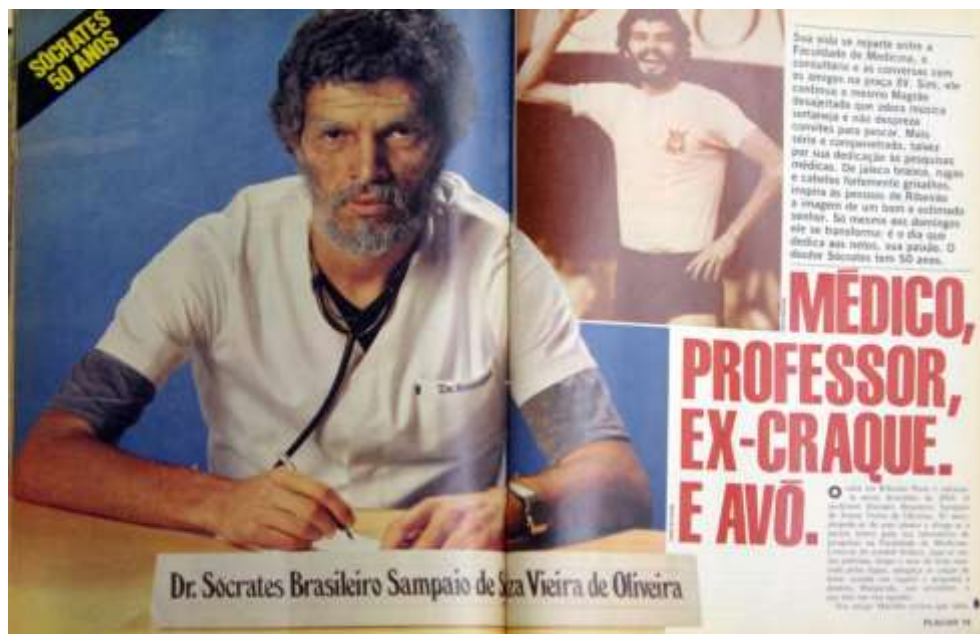


Figura 1 - Reprodução: Revista Placar nº555 , 26/dezembro/1980, p.18/19



Figura 2 - Reprodução: Revista Placar nº539 , 29/agosto/1980, p.2



Figura 3 - Reprodução: Revista Placar nº 681, 10/junho/1983, p.19.





Figura 4 - Reprodução: Revista Placar nº 647, 15/outubro/1982, capa.



Figura 5 - Reprodução: Revista Placar nº 727, 27/abril/1984, capa.